

LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT

**TRATADO
DA VERDADEIRA DEVOÇÃO
À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA**



PAULUS

NOTA DO EDITOR

Tem-se perguntado se este manuscrito, descoberto em 1842, constitui uma obra completa. A ausência de título é bastante surpreendente num autor tão ordenado, que sempre o deixou em todos os outros escritos. Além disso, em certos passos há chamadas para textos que deviam encontrar-se no princípio ou no fim do seu livro e que faltam manifestamente. Pode ter acontecido que este manuscrito, em folhas soltas, tivesse perdido as primeiras e as últimas páginas. Isto não invalida o facto de o Tratado, tal como chegou até nós, constituir um todo completo, apesar do desaparecimento possível de qualquer folha do preâmbulo e do apêndice.

Este pequeno devocionário que temos agora em mãos data de uma época em que o Jansenismo perseguia qualquer tipo de devoção à Virgem Maria ou aos santos. Ao ler o Tratado e ao meditar nos ensinamentos de São Luís Maria Grignon de Montfort nos nossos dias, não se podem descontextualizar as palavras da época

em que foram escritas, de forma a não ser feita uma leitura errada do que se propõe. Como diz o autor, «se algum crítico ler isto deve imaginar que falo assim por exagero ou devoção exaltada»!

Na presente edição foram estabelecidos os textos sagrados de algumas passagens da Sagrada Escritura, citados pelo autor, de memória, a partir da Bíblia Sagrada da PAULUS Editora. É ainda de referir que as notas e referências, como a maior parte das divisões, foram acrescentadas.

NOTA BIOGRÁFICA²

SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT
Festa, 28 de abril

Luís Maria Grignon nasceu em Montfort, na região da Bretanha, e foi ordenado padre em Paris. Mais tarde, tendo sido nomeado missionário apostólico pelo Papa Clemente XI, percorreu as regiões ocidentais de França, anunciando a sabedoria eterna, Cristo encarnado e crucificado, e ensinando o caminho da santidade por Maria a Jesus. Para a sua obra missionária fundou várias associações religiosas de sacerdotes, de irmãos e, com a colaboração da bem-aventurada Maria Luísa Trichet (Maria Luísa de Jesus), associações de irmãs. Morreu na cidade de Saint-Laurent-sur-Sèvre, diocese de Luçon, a 28 de abril de 1716. Sendo um devoto acérrimo da Santíssima Virgem,

² Adaptado de Agência Ecclesia, [em linha], <http://www.agencia.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia> [consultado em 5 de maio de 2009].

deixou-nos muitos escritos, principalmente sobre espiritualidade mariana, como o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria*, que em seguida apresentamos, e *O Segredo da Virgem Maria*.

PREFÁCIO

A 22 de abril de 1842, um padre da Companhia de Maria, bibliotecário da Casa-Mãe, em Saint-Laurent-sur-Sèvre, encontrou, por acaso, «confundido com grande número de livros truncados», um manuscrito de folhas soltas, dispostas em perfeita ordem. Reconhecido imediatamente pelo sacerdote e pelo seu superior como obra indubitável do padre Montfort, fundador do Instituto da Companhia de Maria e da Congregação das Filhas da Sabedoria, o precioso manuscrito foi imediatamente transmitido à cúria episcopal de Luçon, e por ela a Roma, para onde já tinham sido enviados outros escritos, para exame no processo de beatificação do servo de Deus. Era a célebre obra que, pela falta de título original, ficou conhecida por *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria*.

Ignorada pelo público durante cento e trinta anos, impedida de ver a luz da publicação pela oposição diabólica do Jansenismo, oculta

depois, durante o período turbulento da Revolução, como parece ter sido previsto pelo autor (n.º 114), esta pequena obra não tardou a ter um êxito brilhante. Tornou-se hoje o livro clássico da devoção à Virgem Santíssima. Traduzido em quarenta línguas, pelo menos, difundido em numerosas edições, conquistou rapidamente o mundo católico.

Deste modo, realizou-se, a partir da sua publicação, o voto do grande apóstolo de Maria, «de inspirar a toda a Terra» a perfeita devoção, pregada por ele num espaço e em tempo muito restritos.

O manuscrito, providencialmente descoberto há um século, forma um *in-4.º* de 158 páginas, com cerca de 24 linhas por página. Como em outros manuscritos seus, o padre Montfort revela-se muito metódico. Poucas divisões são indicadas pelos títulos, mas em textos muito claros o autor revela claramente a tessitura da exposição.

1.º No n.º 60 declara ter tratado até ali da «necessidade [...] da devoção à Santíssima Virgem».

2.º Irá dizer, em seguida, «em que consiste esta devoção», depois de ter estabelecido «as verdades fundamentais», expondo logo «a ver-

dadeira devoção à Santíssima Virgem», precedida da descrição das «falsas devoções que devem ser evitadas para abraçar a verdadeira» e «entre todas as práticas de verdadeira devoção, a que é de todas a mais perfeita» (n.ºs 90-91).

3.º O autor consagra grande parte da obra a esclarecer e a definir esta perfeita devoção, começando por fazer ver o que especifica, descrevendo depois os seus motivos, efeitos e práticas, com especial aplicação à Sagrada Comunhão.



O escrito de Montfort justifica perfeitamente o nome de “suma marial” que lhe atribuem, e não só uma exposição doutrinal, pelas verdades dogmáticas que contém, mas um tratado de espiritualidade pelas suas considerações ascéticas e místicas e um manual de piedade pelas práticas, exercícios e orações que indica.

Sem dúvida, a doutrina sobre a qual repousa a perfeita devoção a Maria não é nova. Montfort alimentou-se do pensamento dos Padres da Igreja e recorre constantemente ao argumento da tradição. Mostra a sua devoção ensinada através dos séculos. E mostra-a, sobretudo, correspondendo ao plano da sabedoria divina. Dos dados certos tira conclusões lógicas e

com elas estabelece a base da sua devoção. Apresenta-nos Maria como mediadora junto do mediador. Estabelece o domínio de Maria sobre as almas e especialmente sobre os predestinados. Ensina-nos a tomar Maria por mãe, seguindo o exemplo do Verbo, obedecendo-lhe como Ele, em tudo.

Se as ideias não são novas e as foi buscar, teve o mérito de as condensar, sistematizar, decantar; tudo sobre uma forma mais precisa, mais clara, em estado límpido, colorido e vivo. Pertence-lhe igualmente o mérito de ter defendido, melhor do que aqueles que o precederam, a perfeita devoção à Santíssima Virgem e de a ter estabelecido solidamente sobre as bases inabaláveis da Escritura e da Tradição.

No entanto, onde o santo autor se mostra ainda mais pessoal é na prática da perfeita devoção a Maria.

Como aqueles que o precederam na matéria, recomenda certas práticas exteriores; mas para ele o «essencial desta devoção consiste no interior que deve formar». O grande mérito do santo autor está precisamente em indicar este elemento essencial. Procura as práticas de devoção mariana mais santificantes no cânone da Missa, ligando-lhes práticas marianas de vida interior

muito santificantes. Transforma, deste modo, uma devoção já existente numa forma nova, perfeita e completa de vida espiritual. Marca-lhe a sua ascese e mística de exercícios preparatórios e de práticas interiores e exteriores. É este o segredo que Montfort «não encontrou em nenhum livro antigo ou moderno», o segredo da perfeição que recebeu do Espírito Santo.



A devoção pregada pelo ilustre apóstolo mariano não é um código de práticas piedosas; é «o fundamento de uma nova escola de espiritualidade», diz o padre Molien. Foi este o grande mérito de Montfort: estabelecer uma ligação mais estreita entre a devoção a Maria e a santificação.

Trata-se de provar «que estabelecer a verdadeira devoção à Santíssima Virgem é o melhor modo de estabelecer, mais fortemente, a devoção a Nosso Senhor». A submissão ao reinado de Maria trará à Terra, mais segura e rapidamente, o reinado de Jesus. Por isso, o seu ato de consagração tem por título: Consagração de si próprio a Jesus Cristo, a Sabedoria Encarnada, pelas mãos de Maria, título que é, só por si, uma doutrina. Por nossa doação, pertencemos

a Maria para melhor pertencermos a Jesus. Não se trata de dois domínios diferentes, um de Nosso Senhor, outro de Maria: pertencer a Maria é apenas, por extensão e consequência, pertencer a Jesus e o meio de lá chegar mais seguramente.



Um tal ensino prova só por si a origem divina que o santo lhe reconhece.

Monsenhor Caron, arcebispo de Génova, não escreveria a palavra exata quando disse que Montfort tinha escrito «*Velut Spiritu Sancto aflatus*: como sob a inspiração do Espírito Santo»??

Os Anacleta Juris Pontificii trouxeram esta apreciação:

A impressão que produzem os escritos do venerável servo de Deus, Luís Maria de Montfort, não é a de obras correntes. Sente-se neles uma unção interior, uma paz e uma consolação que somente se encontram nos escritos das almas privilegiadas, que Deus favorece com luzes particulares.

O ilustre padre Faber desenvolve e ilustra um pensamento análogo, quando em 1862 apresentou ao clero e aos fiéis de Inglaterra a sua tradução do Tratado.

Todavia, não terá a Santa Igreja, pela boca dos seus pontífices, assinalado ao mundo cristão o alto valor espiritual desta obra?

Pio X, em 1907, escrevia:

Recomendamos vivamente o admirável *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria*, composto pelo bem-aventurado de Montfort e a todos aqueles que lerem este Tratado nós concedemos, de todo o coração, a bênção apostólica.

Por seu lado, Bento XV, a 28 de abril de 1916, por ocasião do segundo centenário da morte do santo missionário, escrevia ao superior-geral da Companhia de Maria e das Filhas da Sabedoria:

O vosso bem-aventurado pai quis inculcar-vos um insigne amor à Santíssima Virgem. Mais ainda, quis que fosse vosso espírito particular e próprio o promover entre os homens o Reino de Deus, propagando o culto de Maria, Sua divina Mãe. Ora, como meio eficaz deste apostolado, legou-vos, para que expliqueis com cuidado aos fiéis, esse livro escrito pela sua mão: o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, livro pequeno em volume, mas cheio de tão grande autoridade e unção. Muito nos alegamos porque tanto o tendes procurado difundir. Seja ele ainda mais espalhado para renovar o espírito cristão sempre em maior número de almas!



«Reavivar o espírito cristão!»

O que falta, com efeito, à maior parte das almas? Compreender e viver perfeitamente os votos do Batismo.

O Santo Concílio de Trento considera nosso rigoroso dever de justiça – *æquissimum esse* – o votarmo-nos e consagrarmo-nos, para sempre, ao Nosso Redentor e Senhor, Jesus Cristo, na qualidade de escravos. Recorda-nos, com insistência, que no santo Batismo tomamos este compromisso: «Pois declaramos renunciar a Satanás e ao mundo, para nos entregarmos inteiramente a Jesus Cristo.» (Cat. Conc. Trid., p. I, a 3 § 18-19)

Ora, toda a substância e medula do Tratado consiste em promover a perfeita renovação dos votos do Batismo e em pô-los em prática pela escravidão de amor para com Nosso Senhor, que nos entrega totalmente a Deus.

Contudo, para que esta escravidão seja a um tempo a mais fiel e suave, Montfort conduz-nos junto de nossa Mãe e Mediadora, consagrando-nos a ela, por servidão de amor filial.

Deste modo, realizaremos da forma mais perfeita a lição evangélica de infância espiritual, recordada ao mundo cristão por Santa Teresa do Menino Jesus.

Devemos concluir que tudo na vida cristã se resume a compreender o papel mediador de Maria e a abandonar-se totalmente a esta mediação.

O venerável cardeal Mercier, com a clareza de intuição que o caracterizava, viu todo o proveito que as almas tirariam da luminosa doutrina de Montfort.

«É seguro e frutuoso, o simples método das crianças», dizia ele. «Ora este espírito de simplicidade e de dependência que respira em todo o santo Evangelho, nada no-lo pode comunicar melhor do que o nosso abandono filial àquela que, na ordem da graça, é nossa Mãe... a Santíssima Virgem... Fazei-vos pequeninos, diz Jesus Cristo... procurai depender, sede escravos de Deus, escravos de Maria. Entreguem-nos filialmente, sem reserva, à solicitude da nossa Mãe e vivamos em paz.»

Falava assim ao seu clero e ao seu povo na sua carta pastoral da festa de Todos os Santos em 1924, que teve ressonância mundial.

Dois meses mais tarde, dirigia-se, não obstante o seu precário estado de saúde, às jornadas marianas realizadas em Anvers (Antuérpia, Bélgica). Declarava aos bispos, ministros, dignatários e sacerdotes reunidos: «Vim aqui para vos pedir um favor: praticar e espalhar a ver-

dadeira devoção à Santíssima Virgem segundo o bem-aventurado de Montfort.» O voto do grande cardeal não ficou perdido e não foi em vão. Desencadeou o maior movimento de piedade mariana alguma vez visto.

Este magnífico resultado enche os nossos corações de grandes esperanças para a glória de Maria e para o advento do reino de Jesus por intermédio d'Ela.

25 de março de 1942
Th. RONSIN, S. M. M.,
Superior-geral

ÍNDICE

Nota do editor	5
Nota biográfica	7
Prefácio	9
Introdução	19

CAPÍTULO I

Necessidade da devoção à Santíssima Virgem	27
---	----

CAPÍTULO II

Verdades fundamentais da devoção à Santíssima Virgem	63
---	----

CAPÍTULO III

Escolha da verdadeira devoção à Santíssima Virgem	93
--	----

CAPÍTULO IV

Natureza da primeira devoção à Santíssima Virgem	113
---	-----

CAPÍTULO V

Os motivos que recomendam esta devoção	124
---	-----

CAPÍTULO VI

Figura bíblica desta perfeita devoção: Rebeca e Jacob	169
--	-----

CAPÍTULO VII

Efeitos maravilhosos que esta devoção produz numa alma que lhe é fiel	195
--	-----

CAPÍTULO VIII

Práticas particulares desta devoção	208
---	-----

SUPLEMENTO

«Modo de praticar esta devoção na santa Comunhão»	241
--	-----

Exercícios espirituais para a consagração mariana de São Luís Maria de Monfort	249
--	-----

Apêndice	283
----------------	-----